

CONHECIMENTOS UTEIS.

ASSUCAR DA NOSSA TERRA.

946 Depois de prolixo disputar sobre as bondades ou ruindades do assucar — occasionador de grandes molestias, segundo uns; segundo outros, impedimento, lenitivo, ou remedio de quasi todas — callaram-se as disputas; e apologistas e criticos, todos ficaram igualmente por todo o mundo comendo assucar, bebendo assucar, perfumando-se com assucar, e até a miude curando-se com assucar. É porque esta droga é innegavelmente accommodadissima á nossa natureza; é o primeiro gosto, que tomamos na vida antes do leite materno — na infancia, na puericia, e na adolescencia, o mais procurado regulo; e na velhice, um dos mais faceis e menos repugnados alimentos.

Assim como nem nas côrtes, nem nas cidades, nem nas aldeas se-pôde vêr festim, em que o assucar não represente, assim como o assucar é uma das condições da arte do cosinheiro, e do pasteleiro, e o fundamento das casas de bebidas, e das confeitarias, assim é elle tambem condicção e fundamento de quantos manjares a natureza nos-apresta em seu banquete universal. Ella o derramou ás mãos cheias nos fructos de todas as partes do mundo, nas folhas e raizes nutritivas das melhores plantas, e até nas flores de infinitas. A cornocópia da primavera é, não menos do que o acafate do outono, um assucareiro disfarçado. Perguntai-o a tantos milhões de insectos, perguntai-o ás abelhas, a essas castas conserveiras, que semelhantes ás religiosas moradoras dos ermos christãos, tantas doçuras vão fabricando no escondrijo de suas cellas — que digo! — nos proprios aromas dos jardins e pomares, n'esse invisivel ramalhete do olfacto, que as virações andam desfolhando e derramando por toda a parte nos amenos dias, o assucar é tambem um dos subtile elementos de suavidade. Assim pois o assucar, um dos mais refinados condimentos da arte, é tambem o mais liberalisado na enfeitada meza, que á vóz de Deus, a natureza anda servindo aos volateis, aos quadrupedes, e aos homens. — Mas desçamos da poesia ao mundo palpavel: o consumo do assucar é universal, immenso, e ainda crescente; a tamanho ponto subiu a sua cultura, que ao seu preço hoje em dia já compete mui bem o louvor de moderado; é porque a sciencia entregou á industria um sem numero de plantas recheadas de assucar, naturaes e familiares dos nossos climas, faceis no trato, e na propagação copiosissimas: a canna que nas mãos d'America, e fecundada com o suor dos negros era um conductor poderoso de torrentes de ouro do mundo velho para o novo; a canna perdeu o seu privilegio exclusivo; a batarraba, as sinoilas, o nabo, e outras raizes inundaram os mercados d'este genero, e tão alvo e perfeito como o que de mão em mão e através dos mares lhe-mandavam as duas Indias; a França, grande consumidora de assucar, não só o não compra, senão que já começou de o vender aos estrangeiros. Este exemplo merece que ponhâmos n'elle os olhos, não digo que para fabricarmos desde já assucar, mas para lançarmos contas e averiguar se tal fabrico entre nós desconviria.

OCTUBRO — 27 — 1842.

Quanto é o gasto que estamos fazendo n'este genero? As alfandegas poderão talvez responder á pergunta; mas parece-nos que não exaggeraremos o lance, suppondo que nos nossos tres milhões e trezenmil habitantes, um milhão usa de assucar; e que d'este milhão cada individuo só gasta por mez seus dois arrateis; temos na roda do anno gastos quarenta e oito milhões de arrateis, os quaes pelo baixo preço de quatro vintens representam um cabedal de tres mil oitocentos e quarenta contos; abatendo d'aqui vinte e cinco por cento que poderão ficar no Reino aos negociantes, alfandegas, etc. vem a sair d'elle annualmente por assucar dois mil oitocentos e oitenta contos ou septé milhões e duzentos mil cruzados! — outros mais fortes do que nós em statistica e economia que digam, se, presuppuesto verdadeiro este calculo, e feito outro calculo do que se perderia por consagrar a tal fabrico a terra, e braços applicaveis a outro, ou outros, conviria, ou não a tentativa; sobre esta matéria que é importante devêra o Governo, por via das corporações scientificas mandar escrupulosamente examinar o que poderiam produzir em cada porção dada nos terrenos de cada provincia a batarraba, a sinoila, o nabo, a abrótea (vade o nosso artigo 497) e a canna do milho (já apontada para o effeito em o nosso artigo 48), etc., etc., etc.

Tudo quanto acabámos d'escrever nos veio suggerido por uma noticia recémchegada dos Estados Unidos ácerca da canna do milho, e já aqui publicada por outros jornaes sem comentario, nem applicação alguma.

Em a nova Orleans se fez a experiencia do assucar do milho em ponto grande; ao sumo do milho achou alli o assucarómetro de Beaumé dez grãos. O assucar d'este sumo é cinco vezes mais que o do sumo da batarraba, e tanto, com pouca differença, como o da canna d'assucar d'aquella mesma região; deu 16 $\frac{2}{3}$ de melaço chrisalisavel. De uma geira de milho apuraram-se 1159 libras de assucar. Eis-aqui agora excellencias incontestaveis do milho a respeito da canna do assucar: 1.^a colhe-se 70 ou 80 dias depois de semeado, emquanto a canna requer por largos dezoito mezes continuação de trato e desvelos: 2.^a á conta de mui tenro que é, não requer tantas forças para ser exprimido, e quaesquer moinhos ou prensas mui simplicies lhe-bastam.

Uma observação que lá se-fez, e que não deixaremos de apontar para os curiosos, se os ha ahi, que se-resolvam a experimentar, é, que no milho creado para assucar convém arrancar a massaroca assim como se-vê que vem despontando, porque a seiba que em n'as crear-se-esperdiçaria, concentrada na haste se-converte em sucos e augmenta sobremodo a quantidade e fineza do assucar.

Mas sobre isto bem será que saibamos o que se-provov na Academia das sciencias de París em uma sessão do passado septeembro.

Biot tinha inventado um instrumento efficacissimo de investigação — a extensão de desvio para a direita ou para a esquerda, que padece um raio de luz polarisada através de certas dissoluções chemicas, fez elle com que se tornasse um admiravel e precioso meio de analyse de que as sciencias hão-de infallivelmente ir sacando grande proveito, porque

este maravilhoso phenomeno, que se effectua nas profundezas do estado molecular dos corpos, faz instantaneamente conhecer, não só os agentes chimicos que estão em dissolução, senão também precisamente a proporção em que se ali acham.

Ora pois, submetteu *Biot* á experiencia comparada da polarisação circular os sucos clarificados da canna do milho, que se-tinha deixado livremente fructificar, e os sucos de outros pés da mesma planta a que se-haviam a tempo capado as flores femeas: e demonstrou que o suco das ultimas continha onze por cento de assucar cristallisavel como o da canna da America, ao passo que o das primeiras só continha pouco mais ou menos, nove.

O mesmo auctor diz, que no caso em que a experiencia que é, em taes materias, a verdadeira mestra, obtegasse a provar que o assucar do milho é feitorisavel, e póde entrar em concorrência com seus outros irmãos mais velhos, grandes vantagens levaria: estq. agricolamente fallando, á batarraba: taes como o deixar livre a terra para as sementeiras de inverno, etc., etc., etc. Finalmente adverte, que vista a pequena differença que tem na quantidade do assucar, os milhos capados dos inteiros, não valerá a pena da operação, que de mais a mais deve ter o desconto da substancia, que por essas feridas se-ha-de necessariamente extravasar.

Ao mesmo tempo que na America do Norte e em Paris se tractava de augmentar o assucar pelo milho, descobria na Africa mais assucar n'um fructo silvestre. Os figos da *figueira do inferno*, planta das regiões ardentes, mas que vem e prospera com summa facilidade em quasi todo o nosso Portugal, abunda nos arredores de Argel. Davam n'elles os soldados francezes, com grande furia, as casas e ruas alastravam-se de cascas; e calor as apodrecia: para evitar alguma danuosa corrupção nos ares, determinou-se que se-fossem lançar em monte todos aquelles despojos fóra da cidade. Pouco depois passa o general De Lamocière pelo sitio, e observa um estranho phenomeno — o montão das cascas de figo está coberto de uma efflorescência alvissima. Corre a examinal-a, e acha assucar do mais fino, e perfeitamente cristallizado.

A explicação do facto, segundo o general, é esta: a força do sol evapora a parte aquosa, e obvia totalmente á fermentação, por modo que nos póros do parenchyma só fica a materia sacharina estreme; pela mesma força do sol encurrêam-se, e apertam-se as partes vegetaes; expulsando de si para a superficie todo o assucar entranhado.

Attenta a abundancia d'estes fructos n'aquella região, calcula-se que, se, em lugar das cascas, se-empregar o fructo completo, partido em quatro, poderão ter assucar a dois vintens o arratel.

Pareceu-nos conveniente apontar também este descobrimento, porque a *figueira do inferno*, que de hoje em diante se-poderá chamar do paraíso, dá-se bem com os nossos ares, contenta-se com qualquer terra, e sobre tudo não requer tracto.

Recommendamos a todos nossos leitores a mais sizada attenção para o artigo seguinte:

ENCYCLOPEDIA.

947 A Encyclopédia comprehendida por dois gran-

des talentos do decimo oitavo seculo, Diderot e d'Alembert, marca uma das principaes épocas da civilisação franceza; isto é, da civilisação que, a despeito dos esforços contradictorios dos discipulos de Domingos e Loyola por um lado, e dos de Lutero e Calvino por outro, fazia, a passos largos, a conquista da Europa.

Ponhamos de parte, se queremos ser imparciaes e justos, os erros que a fragilidade humana derramou ao longo da carreira d'estas tres legiões rivaes que, á porfia, trabalharam no desenvolvimento da razão e na cultura da moral; forçoso será confessar que a todas ellas devemos, nós outros seus herdeiros, quantos elementos possuímos da boa e verdadeira civilisação.

D'este grande progresso nas sciencias, artes e costumes pede a justiça que attribuamos grande parte á Encyclopédia de que acabamos de fazer honrosa menção.

Isto não é dizer que aquelle descompassado deposito dos conhecimentos humanos, no estado em que elles se-achavam nos primeiros dois terços do decimo oitavo seculo, contenha idéas novas ou que se-deva tomar como modelo para qualquer trabalho do mesmo genero, que se-haja de emprehender. O seu grande merecimento consiste em ter espalhado pela classe media e abastada, mas não litterata, da sociedade, o gosto da leitura, e a moda de discorrer, com mais ou menos pertinencia, em quaesquer assumptos sobre que a cada um ficava facil de adquirir, sem grande trabalho, as noções essencialmente necessarias para não parecer n'elles inteiramente hospede. Esta mesma superficialidade fazia com que todo homem de educação se-envergonhasse de não poder tomar parte nas conversações que sobre diversos ramos das sciencias ou das artes, costumam occorrer nos ajuntamentos das classes superiores da sociedade.

Os homens, que n'estas classes se-quizeram distinguir entre os seus pares, felicitaram-se de achar para isso um meio, tão facil como agradável, na cultura das sciencias e artes; quer fosse affectando, com o soccorro da Encyclopédia, uma generalidade de idéas que lhes-dava a apparencia de homens d'estado; quer desinvolvendo os principios consignados n'aquelle grande armazem dos conhecimentos humanos.

Assim descendo os poderosos da terra ao nivel dos sabios, dos artistas, e dos artifices, se-ennobreceram aos seus olhos aquelles mesmos elementos da civilisação humana, que elles só desdenbavam, porque os não conheciam ou porque n'esse desden achavam o unico meio de encobrirem o pejo de os-ignorarem.

Taes são os grandes serviços que a Encyclopédia do decimo oitavo seculo fez á humanidade: serviços que, seria injusto considerar como inteiramente extinctos pelos erros que ella contribuiu a diffundir pelas classes mediocrementes illustradas da sociedade.

D'este ponto de vista, d'onde sempre havemos considerado o merecimento da Encyclopédia franceza, brotou em nosso animo, de muitos annos a esta parte, o desejo de convocar os sabios, artistas e artifices da nossa terra para elevarem entre nós um similhante monumento á civilisação da gente portugueza.

Estes patrioticos votos não tem cessado de accen-

der-se mais e mais, á medida que, na successão dos tempos, temos visto realisar-se uma semelhante idéa em todas aquellas nações que, como se costuma dizer, vão á frente da civilisação do mundo.

Não obstante haver-se começado em todas ellas, por censurar asperamente os innegaveis defeitos da Encyclopædia franceza, em nenhuma parte se desconhecera as vantagens que, para a diffusão dos conhecimentos nas classes superiores da sociedade, devia produzir a publicação de uma semelhante obra, em que era tanto mais facil evitar os defeitos d'aquelle modelo, quanto elles eram conhecidos e assignalados.

Não será difficil, a quem ler este artigo, entrever os motivos que até agora tornavam impossivel entre nós, até a proposta de um tal projecto. Hoje porém que se acha removida a maior parte dos obstáculos, que outrora teriam baldado os esforços de quem quer que a isso se abalancasse, seja-nos lícito convidar os homens de bom saber e de séria vontade, quaesquer que sejam suas opiniões, sua idade, ou sua condição social, para tentarem esta importante e patriótica empresa.

Se ao illustrado publico parecer que ella é digna de ser por elle favorecida, aventurar-nos-hemos a expor em um ou mais artigos as idéas, que havemos concebido, tanto sobre o plano, como sobre os meios de levar a execução esta obra verdadeiramente nacional, que desejariamos se intitulasse, e fosse na realidade, uma *Encyclopædia Portuguesa*.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

INSTRUÇÃO PUBLICA.

(Continuado da pag. 37.)

948 No ultimo artigo que escrevi sobre esta materia, mostrei de corrida e por exemplificação, que não seriam mais de 239,013 os educados em Portugal, ou que haveria 1 litterato por cada 13 illitteratos, ou que d'entre cada 100 pessoas 93 não tinham sido educadas. Estou persuadido, por não dizer de todo convencido, que (não obstante a penuria que esta proporção por décadas, em lugar de annos, mostra) ainda encarei muito a realidade do nosso haver litterario, attendendo a que em 1838 ainda os alumnos das escolas primarias, pagas pelo thesouro, não eram mais de 26,080, e os das escolas secundarias sómente 1,059; havendo portanto que abater para mais de 10,200 educados em alguns dos annos, no termo recorrente de 60,620 que adoptei, para todos os 54 annos na conta geral que fiz. A recente criação de muitos dos nossos actuaes estabelecimentos d'instrução, especialmente das escolas primarias que não havia, não pôde deixar no nosso espirito o minimo escrupulo, sobre a justiça d'este abatimento. E' verdade que por encontro a este, para não ommittir coisa alguma, não está incluída a Polytechnica de Lisboa, mas como ella não publica a sua statistica, não a pude eu incluir, o que pouco houvera assim mesmo alterado o resultado.

A barbarie ou civilisação de um povo, creio eu que ninguém o ha-de negar, marca-se pelo menor ou maior cuidado com que o homem tracta da condição do sexo feminino. Se formos avaliar por esta regra a nossa civilisação, não pôde ella ser mais deploravel. Poucos ou quasi nenhuma documentos officiaes temos, (o que é uma prova mais do esquecimento e desprezo em que está tida a sua educação) das alumnas que frequentam as aulas primarias que são por assim dizer as unicas, que em Portugal estão accessiveis á sua entrada. As mestras que figuram no orçamento de 1841-1842 são 42. Este numero, ainda que todas ellas tenham 34 discipulas, que na relação dos discipulas para com as mestras é o termo medio, não deita a mais de 1428 disci-

Nós com razão achámos apoucado o numero de homens a quem se dá instrução, e que se dirá então da que se ministra ao outro sexo, no qual, por ser 6 por 100 mais numeroso, não haverá menos de 1,750,000 almas? Nada se pôde dizer senão que a triste da mulher, infeliz por natureza, mais infeliz por falta de arte, e destituida assim de todo o aperfeiçoamento, sem luzes para poder tomar uma parte intellectual e deliberativa nos negocios e interesses da familia, é reduzida geralmente pelo homem do campo, grande abusador da força bruta, a carregar á cabeça, lidar, envelhecer, e destruir-se nos trabalhos mais rudes, não prestando nos intervalos senão para a procreação.

Na America do Norte, o estado de Massachusetts, que não tem mais de 696,197 almas, segundo uma relação publicada o anno passado, contava 3,928 mestras para educar meninas; que differença esta!

Ponderada a escassez da instrução publica em geral, e a sua falta, por assim dizer, absoluta para a população feminina, convém observar a sua distribuição pelos districtos do nosso territorio. Principiaremos, tractando da instrução primaria; e para o fazer com mais clareza formaremos um mappa, em que entrem os districtos, a população, alumnos, mestras, etc.

Districtos Administrativos.	População.	Custo em réis da instruc. prim.	Alumnos Instrução primaria.	Mestras ou escriptas providas.	Quota dos alumnos pela população.	Quota pelo ensino.	Quota ordenados Mestras.	Quota dos alumnos pelos Mestras.
Vianna.....	179,112	3,506\$666	2,017	44	1 em 116	35506	793696	45
Braga.....	292,486	6,036\$666	4,049	74	1 " 73	12709	925387	54
Porlo.....	349,848	7,310\$000	2,801	72	1 " 116	23611	1013527	38
Villa-Real.....	178,144	5,216\$666	2,719	67	1 " 65	15932	775860	40
Bragança.....	125,771	5,036\$666	1,993	56	1 " 66	25518	895940	35
Aveiro.....	228,710	5,846\$666	2,978	63	1 " 78	25016	928804	47
Coimbra.....	239,626	6,726\$666	1,857	67	1 " 133	35737	1005398	27
Vizeu.....	294,703	9,636\$666	3,894	123	1 " 77	25470	785346	31
Guarda.....	198,310	7,826\$666	2,678	86	1 " 77	35010	913007	31
Castello-Branco.....	130,787	4,646\$666	1,238	43	1 " 100	35872	1085063	28
Leiria.....	126,882	3,776\$666	1,151	35	1 " 115	35433	1073904	32
Santarem.....	145,375	4,316\$666	935	49	1 " 155	45616	1005307	21
Lisboa.....	411,766	14,080\$000	2,936	108	1 " 142	45655	1305370	27
Portalegre.....	82,390	3,776\$666	861	36	1 " 95	45385	1045907	23
Evora.....	82,581	2,606\$666	784	22	1 " 105	35324	1185484	35
Beja.....	105,318	3,326\$666	828	33	1 " 127	45015	1005008	25
Faro.....	128,224	2,576\$666	415	15	1 " 308	65207	1615041	26
	3,300,000	97,040\$990	34,134	988	1 " 97	25854	985238	34

Por este pequeno mappa, que deve ser muito consultado pelos nossos legisladores e por todos, assim como geral-

mente os artigos em que n'este jornal irei tractando da instrução publica, pôde-se reconhecer, que se-havia grande fallencia na quantidade da instrução primaria do reino, não menos defeito ha na sua distribuição. O mais bem dotado districto (Villa-Real) fez uma differença do menos dotado (Faro) de parto de 1 em 5. Isto é, enquanto no Algarve ha em cada 78 familias 1 menino que aprende a lêr á custa do estado, ha em Villa-Real 1 por 15 familias.

Não pareçam estas equações sociaes de pouca importancia. Um dos perigos que mais assustam os Estadistas pela dissolução da União Americana, é o menor desinvolvimento que vão tendo os seus estados do sul, em comparação dos do norte, que assim virão a ter no seu congresso dentro em pouco uma maioria permanente natural, que sobrepujará constantemente as do sul, que não poderão deixar de se resentir no fim d'esta inferioridade e tractar de sacudir o jugo, separando-se das outras; e mais sendo as do sul as que deram o primeiro grito da liberdade n'aquelle continente, e produziram todos os grandes homens, que tem immortalizado aquella republica, nomeadamente Washington e a maior parte dos presidentes.

Outro grande mal que por esta tabella se-deacobre, é o horroroso custo porque são o ensino. Chega no Algarve a ser 63207 réis por menino, e no districto onde custa menos, que é o de Braga, importa em 15709 réis. Por um relatório publicado pelo ministro da instrução em França o ensino primario, incluindo diversos estabelecimentos normaes, era 800 réis por alumno. A sua carestia entre nós vem certamente da falta de escholas de ensino mutuo, que é preciso estabelecer. E' desengano, na arte de curar ha operações e remedios de uma repugnancia e terror summo para o paciente, entretanto ha-de passar pelo tractamento prescripto pela sciencia para poder salvar a vida. Assim é em todos os problemas de administração: havemos de adoptar as regras que se-inventaram para os resolver. Não ha ali que pretender substituir-lhe o empirismo. E' tão possível com os nossos methodos actuaes educar a mocidade portugueza, como é possível á fabricação manual competir com a mechanica, ou com as bordas da meia idade dar batalha ás columnas cerradas de um exército moderno.

A instrução primaria no districto de Lisboa jaz áquem das de todas as outras capitães da Europa. Em nenhuma d'ellas ha só 1 menino por 142 almas, como cá, onde, com esse só, se-dispendem 48855 réis, e com os mestres 1305370 réis, cabendo 27 alumnos a cada mestre. Acaba de se-publicar a statistica dos salarios dos mestres em França, os menores são 483000 réis, os maiores que são na sua capital, não passam de 1923000 réis. A modicidade que elles apresentam nos departamentos provinciaes, ou ruraes, provém da barateza dos viveres, que nós queremos bem caros para fazer a nossa prosperidade, que nos mais ramos vai regulando o mesmo que regula n'este, em que é comtudo indispensavel mudar de doutrinas, porque sem instrução segundo correm as idéas do seculo em que vivemos, não ha estado. Massachusetts com 696,197 habitantes tem 136,788 alumnos nas escholas, e não se-dá ainda por satisfeito; o que faria se-lixer, como o districto de Lisboa, 413,765 habitantes, e só 2,936 alumnos?

C. A. da Costa.
(Continuar-se-há.)

CONTADOR OU APONTADOR MECHANICO PARA AS FABRICAS DE FIAÇÃO E TECELAGEM.

949 Inventou o machinista francez *Saladin* um ingenho que per si vai registando o trabalho das machinas; e por onde a final se-averigua se os obreiros d'ellas encarregados fizeram ou não toda a sua tarefa: este fiscal economico e mui simples, já nas fabricas de França começou de ser empregado (e muito bem que se-vão dando com elle os donos?)

Como esta noticia não ha-de importar senão a pouquissimas pessoas, em vez de gastarmos o tempo em descrições insufficientes sobre tediosas, por melhor conselho temos remetter os interessados para o

Recueil de la Société Polytechnique, onde acharão na materia explicações que os-satisfacçam.

Mas porque esta novidade estrangeira nos-parece coincidir com um invento portuguez, feito não ha já poucos annos, do qual raros dos nossos leitores terão noticia; justo é que o-memoremos, qual nol-o contou pessoa de todo o crédito; que ainda alcançara o auctor, e com elle tivera particular trato de amizade. — Era este um ex-jesuita, (cujo nome nos-passou) grande mathematico, e machinista admiravelmente inventivo. A egreja de Avellãs, onde veio a acabar prior, obtivera-lh'a da Sr.^a D. Maria I o Marquez de Marialva, que em reconhecimento de gratidão, reeceu do bom padre o mimo de uma sege por elle ideada e executada com originalissima industria. — Havia dentro na caixa um mostrador de cada lado, que indicavam ao viajante assim o tempo gasto, como o espaço percorrido. — Um d'elles era um relógio; mas o outro por via de um jogo de rodas, cujo movimento primario provinha da rotação do proprio eixo da sege, revelava, á justa, quantas léguas, milhas e passos eram andados. D'esta sorte, acordando no seu passeio depois de uma regada sêsta, n'um relance de olhos sabia o fidalgo, não só ás quantas andava, senão tambem onde estava, fosse qual fosse a diligencia ou preguiça com que o seu cocheiro o-tivesse conduzido.

E perguntaremos nós muito encolhidamente: não serviria uma carreta semelhante para a medição exacta dos caminhos? E não poderia tambem este mesmo systema, em a navegação supprir muito vantajosamente a barquinha, pondo a rodagem do mostrador em jogo com uma roda, que girasse na agua, como são as do vapor?

PHARMACIA.

950 Tivemos occasião de lêr o Codigo explicado dos Pharmaceuticos, ou Commentario ácerca das Leis e Jurisprudencia em materia pharmaceutica, do sr. *Laterrade*; traduzido, e accrescentado com a Legislação Portugueza respectiva, pelo sr. *Francisco Bernardo dos Santos*, pharmaceutico na cidade do Porto.

Esta obra, cuja versão dá um volume de 8.^o francez, de 400 paginas, impresso no Porto em 1841, é, quanto a nós, de bastante utilidade, não só pela conhecida vantagem das leis, que encerra; mas tambem pelo excellente commento que as-segue, onde imparcialmente são desinvolvidas, apontando-se o que n'ellas vai digno de adopção ou rejeição; interesse que ainda se-augmentou com o additamento das leis relativas aos pharmaceuticos portuguezes. Este ultimo trabalho, que mostra o zelo e interesse que o auctor consagra ás coisas patrias, e á classe, a que pertence, dar-lhe-ha jus á publica estimação.

Bem desejáramos nós fazer uma análise, mas que fôra succinta, d'este escripto; fallecendo-nos porém o tempo, e, o que peor é, forças e cabedal, contentar-nos-hemos com dizer, que mui defectiva é aqui a legislação patria, mormente comparada com a franceza; porque alli, além de outras, está a lei de 21 de *germinal*, do anno 11, organizando as escholas especiaes de pharmacia, e determinando que os drogistas e especieiros não possam vender composição ou preparação alguma pharmaceutica, sob pena de pagarem 500 francos: — a de 27 de setembro de 1840, reformando as sobreditas escholas, na qual se-ordena, que sejam ellas parte da Universidade; que alli se-ensine *Physica*, *Chymica*, *Historia-Natural-Medica*, *Pharmacia* e *Toxicologia*: e, enfim, que nenhum candidato seja admittido a exame para pharmaceutico, sem ter gráu de bacharel.

A' vista d'estas leis, e de muitas outras que apontaria-

mos, se não receáramos ser enfadanhos, com mágnã o-confessámos, se-demonstra a aponçada consideração, e deploravel atrazo da pharmacia portugueza, ou, mais precisamente, dos meios que tanto contribuem para a conservação da vida; é, por consequencia, a justiça dos fundamentos, com que a benemerita sociedade Pharmaceutica Lusitana já requereu ás Côrtes o decretamento, de algumas d'aquellas e de outras mais disposições.

Concluiremos, fazendo fervorosos votos para que, objecto de tanta mouta, seja attendido, como convém ao allivio da humanidade enferma, á glória da pharmacia portugueza e ao credito d'este reino.

João Dionizio Corrêa.

VARIEDADES. COMMEMORAÇÕES.

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.

1.º de Novembro de 1682.

951 Se ás angustias dos presentes tempos quisessemos acrescentar dolorosas recordações, boa occasião tínhamos hoje com a data do 1.º de Novembro, se a referissemos ao anno de 1755. Mas não: antes queremos retroceder um seculo, e fazer reviver na memoria de nossos leitores um d'esses portuguezos de tempera velha, que com a penna, e com o conselho soberano honrar, e amparar a patria em tempos, não menos calamitosos, que estes nossos. — Fallamos de Antonio de Sousa de Macedo. — Poucos dias ha, é verdade, que em outro jornal saíu um epitome da sua vida. Que importa? De um homem, como Antonio de Sousa sempre ha muito que dizer; e desse muito escolheremos nós um pouco para o presente dia.

A sua habilidade diplomatica é louvada por todos, e mais o fôra ainda se gozasse do beneficio da luz publica a grande collecção de cartas autographas, escriptas por elle de Londres ao Conde Almirante, nosso embaixador em Paris, nos annos de 1642 a 1645, e que á vista temos.

A sua energia e brio na defensão da inviolabilidade do legitimo soberano, de quem era Secretario de Estado, poderá conhecê-la quem comparar as arguições de seus adversarios na *Catastrophe de Portugal*, e no *Portugal Restaurado*, com os logares parallellos da *Deducção Chronologica*, e outros documentos (ainda ineditos) daquelle epocha.

Não repetiremos o extenso catalogo de suas obras nos varios ramos da jurisprudencia, e litteratura. Só faremos especial menção de uma dellas, provavelmente hoje perdida, e que, apesar disso, pela novidade e originalidade do assumpto é acreedora de ser conhecida pelo modo possivel. Foi abafada á nascença, sendo-lhe denegadas as licenças para a impressão. Era um volume manuscripto, em latim com titulo que dizia (+) = *Tractado analitico da remuneração que o Principe deve aos serviços dos vassallos, e da acção que a estes compete pelos mesmos serviços* = A *Bibliotheca Lusitana* transcrevendo seccamente o titulo, mostra não ter do livro outra noticia. Nós porém darentos a que alcançámos de uma das censuras, que lhe denegou a licença, e cujo autographo tambem temos presente.

De duas partes se compunha a Obra. Na 1.ª as

(*) *Tractatus analyticus de servitiis vassallorum remunerandis a Principe, et actione pro eis competente.*

sentava o auctor uma conclusão geral, que por todos e quaesquer serviços, feitos pelos vassallos aos Principes, podem ser estes obrigados em juizo contencioso, por resultar obrigação efficaz, e se dar acção directa aos vassallos para poderem demandar aos Principes. Na 2.ª sustentava que contra os mesmos Principes se dá acção pela estimação dos bens, que depois de serem doados em remuneração de serviços, foram tirados por algum terceiro. E tudo fundamentava com principios de direito divino, natural, das gentes, civil, canonico, politico, e portuguez.

Eis a doutrina do livro, que não podemos duvidar seria a do *programma* do auctor, se os Secretarios de Estado daquelle tempo usassem a moda dos *programmas*. Se o livro porém se perdeu, e com elle alguns paradoxos, que porventura conteria, permaneceu com tudo, como verdade eterna, o pensamento fundamental, que presidiu á sua composição = *Justiça e mais justiça* = tal é a lição, que nos queria deixar estampada o Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo.

J. H. da Cunha Rivara.

A BATALHA DO CHRYSUS.

711.

(Fragmento.)

(Continuado de pag. 63.)

952 Depois de largo combater o rei gotho coberto de feridas, caiu moribundo aos pés de Tarik, cujas armas rotas por golpes tremendos, e tinctas em sangue de seu dono, testemunhavam que o braço de Ruderico fôra robusto, e o seu coração generoso. O throno de Theoderik não acabára cuberto de infamia: edificado e erguido n'um campo de batalha era n'um campo de batalha tambem, e sobre o cadáver despedaçado do derradeiro monarcha dos visigodos, que a mão do Senhor lhe-escrevia a ultima pagina da historia de sua tempestuosa existencia.

Tal fôra a origem do doloroso espectáculo, que de longe o cavalleiro negro contemplára. Vendo já-zer assim no meio de mortos e moribundos o cadáver do rei da Hispanha, e as triumphadas escolhidas fugirem desbaratadas, o nobre guerreiro sentiu que a ultima hora do imperio gotho batera, e as lagrimas da amargura orvalharam-lhe insensivelmente as faces.

Mas porque não se-atira elle para morrer a essas ondas dos esquadrões vencedores que rolam furiosas para o lado do Chrysus? Porque, semelhante á pedra arrojada pelo fundibulario, rodea a todo o correr do seu valente murzello o turbilhão dos arabes, e procura passar além d'elles sem fazer conta das frechas que vem empenar-se-lhe no escudo, ou retinir-lhe na torva armadura? E' que o pendão de Theodemito caiu! Quem sabe se ao pé d'elle jaz em terra o duque de Corduba? O cavallateiro negro vae para o salvar ou vinga-lo.

Unidos Theodemiro e Pelaio, com as espadas nuas nas mãos e tinctas em sangue d'inficis, tinham em vão tentado reter os godos na sua precipitada fuga: a noticia da morte de Ruderico espalhada rapidamente havia acabado de prostrar os animos, abalados já pela traição dos filhos de Witiza e do Metropolitano de Hispalis. O terror que se-apossára dos godos

não conhecia limites, e os dois guerreiros eram, magoados seu, arrastados pelas tuophadias desordenadas. Quando o desconhecido, ultrapassando a dianteira dos arabes, chegou ás ribas do rio, os fugitivos apinhados nas estreitas pontes lançadas na vespera atravez da corrente, começavam a espalhar-se na margem opposta redemoinhando como o fumo que resfolga de tubo estreito e se-dilata tortuoso ao sopro do vento. Na extremidade de um daquelles passos vacillantes, Theodemiro e Pelaio tentaram ainda reter os godos. Alguns cavalleiros pararam á sua voz; mas esse ultimo signal de esforço só produziu maior ruina. O campo golfava para alli torrentes de soldados que se-precipitavam atterrados vendo o approximar dos vencedores, e a mó de cavalleiros e peões recalçada entre um e outro extremo, fazia gemer e curvar-se a fragil machina da ponte. Um ruido horrendo de madeiros que estouram reboar de subito nos ares, e responde-lhe um gemido indissolvel, d'agonia composto de muitos gemidos: o chão fuge debaixo dos pés dos godos; as aguas de Chrysus espadanam em cachões; abrem-se em vasto abysmo sob os milhares de corpos que se-attufam n'ellas. Por alguns momentos o topo despedaçado da ponte que se-pendura sobre a corrente, é uma catadupa medonha d'homens armados, que se-impellem uns aos outros, e debalde buscam firmar-se na aresta do despenhadeiro. Os dois capitães separados pela largura do precipicio erguem os olhos ao ceu, porque nem elles podem socorrer os desgraçados, nem para estes é talvez possível nenhum socorro. Rareado o numero dos que cubriam o lanço da ponte, que ainda resta, a torrente cessou de os-engolir; mas os sarracenos estão proximos, e os mesquinhos terão de escolher entre acabarem ás mãos dos arabes, ou precipitarem-se no sepulchro de seus irmãos.

Fôra n'este momento tremendo que o cavalleiro desconhecido chegára. N'um volver d'olhos percebeu tudo. Theodemiro estava salvo; mas aquelles que morte inevitavel ameaçava por todos os lados eram christãos e godos. Com a sua voz de trovão bradou a Theodemiro, « Adeus, duque de Cordova! » Depois esporçando o ginote para a entrada da ponte e com a borda ensanguentada nas mãos esperou a chegada dos arabes.

Todos os que d'além do rio-ouviram-a voz do cavalleiro negro, e observaram a sua resolução generosa sentiram subir-lhes ao rosto a vermelhidão do pudor. Um unico homem ia arrostar com a furia dos vencedores para arrancar alguns centenaes de desgraçados da borda do sorvedouro que lhes-murmurava e escumava debaixo dos pés, e que aliás brevemente os-tragaria, precipitados pelos arabes. Fôra infame desamparar aquelles que um só cavalleiro tentava ainda defender: aos fugitivos godos faltou o animo para tal extremo de covardia. Theodemiro foi emfim ouvido. « Salvae ao menos o cavalleiro negro! » — exclamou o nobre guerreiro em cuja voz afogada se-misturava a dor com a vergonha e a cholera: — salvae o mais valente pelejador d'Hispanha, aquelle que n'este dia fatal ainda se-não oubriu d'opprobrio, como vós desgraçados que deixaes de ter liberdade e patria; que trocaes o ferro da espada pelo ferro dos grilhões. Servos dos arabes, salvae o ultimo dos cavalleiros godos! »

Proferindo estas palavras o duque de Cordova viu orvalhadas as faces dos poucos soldados, que o rodeavam com lagrimas silenciosas. Estes soldados que assim choravam eram pela maior parte veteranos da guerra cantabrica: eram os restos das derradeiras glorias do imperio, que espirava. E elles cravaram os olhos humidos no guerreiro, e depois volveram-nos para a corrente do rio que passava impetuosa. Parecia dizerem mudamente: « como podemos salvar-o? »

Theodemiro apontou com a espada para a carriagem do exercito, deixada além do rio na noite que precedera o combate.

Brevemente uma vasta jangada, impellida por braços robustos, cortava a veia da agua e ia topa com o fragmento da ponte que ainda se não tinha desmoronado.

Era tempo. Mugeiz el-Rumi e Juliano á frente dos corredores do deserto, e dos soldados da Tingitania haviam accoimmittido o cavalleiro negro. Girando em volta de si a borda ferrada, cujas largas puas se-cravavam nos membros dos que o cercavam, como as navalhas dos eculeos romanos nos membros pisados dos martyres antigos, o desconhecido ia levantando um muro na entrada da ponte com os cadaveres dos mosselemanos e dos seus alliados. Entrelante os godos apinhados atraz d'elle; animados pelo exemplo, despediam setas, e vibravam as carterias agudas contra os seus perseguidores.

Este momentaneo esforço desvaneceu-se, porém, apenas a jangada topou com o fragmento vacillante da ponte. Os soldados arrojaram as armas e precipitaram-se para aquellas mal-unidas taboas, que lhes-traziam a vida. Nem um só restava já. Então o terror, essa paixão mais que nenhuma egoista e ingrata os fez commetter uma atroz infamia. Os lóros com que a jangada havia sido sogigada ás traves mal seguras da ponte, foram cortados, apesar das ameaças e supplicas de Theodemiro, que corria como louco pela margem opposta, de um para outro lado. A jangada derivou pela corrente do rio, e seguiu o seu curso tortuoso, até que longe, muito longe, foi entestar com a terra, que devera repellir os miseraveis, a quem a covardia convertêra em assassinos d'aquelle que para os salvar se-offerecera á morte, que parecia inevitavel.

Mas o cavalleiro negro a pé e desamparado pelejava ainda! O robusto murzello cansado do combate de um dia inteiro, cuberto de feridas, caíra privado de alento debaixo de seu dono. A pé, e com as armas despedaçadas, o guerreiro não era todavia menos terrivel; e poucos ousavam approximar-se do vallo de cadavres que se-erguia em roda d'elle. Anjo ou demonio, o desconhecido parecia o genio do imperio-godo, cetrando ainda as portas da Hispanha ao exercito victorioso do Islam.

Com as espadas em alto dois guerreiros se-arremessaram contra elle; godos ambos pelo trajo e armas; ambos mancebos e gentis. Na juventude, quando o coração se-abre a todos pensamentos generosos; debaixo de tão formosos gestos que parecem espirar a candidez, porque estão assignadas já essas almas com o infame ferrete d'inimigos da patria? É porque uma paixão má lhes-passou pelo animo, e escondida, e recalçada, ahi por muitos annos lavrou

como incendio abafado, e queimou todos os sanctos e nobres affectos. A vingança! Foi a vingança que os-perdeu. São os dois filhos de Witiza: são Sisebuto e Ebbas que assim accommettem o derradeiro defensor da terra onde nasceram, e onde o ciúme dos seus fataes alliados não lhes-concederá algum dia nem o breve espaço da sepultura.

» Filhos de Witiza — clamou o cavalleiro negro — não arranqueis a espada contra quem não póde derramar o vosso sangue, porque é para mim sacrosancto. Amei vosso pae, como amo esta desgraçada terra d'Hispanha. Devo á sua memoria quanto a um homem póde dever outro homem. Vedes os que ahí dormem para sempre? Miseraveis! vós dormireis com elles, se esta maça d'armas se-erguesse de novo. Mas não serei eu que vos-tolha o irdes plantar o estandarte dos pagãos sobre os ossos de vosso pae, para que elle do seu tumulo vos-amaldiçoe, como em nome de nossos avós vos-amaldiçoa o gardingo, e em nome de Christo vos-amaldiçoa o presbytero. Eurico vos-amaldiçoa: lembrae-vos d'Eurico!

Dictas estas palavras, que reboaram como o estampido da procella, a borda ensanguentada do guerreiro volteou nos ares, e sibilando por cima das cabeças dos dois mancebos foi sumir-se no meio dos esquadrões arabes. Depois, rapido como um relampago, o cavalleiro negro chegando á extremidade de uma das traves despedaçadas precipitou-se na corrente. Á luz do sol que se-punha viu-se-lhe umas poucas de vezes reluzir o elmo alongando-se pela superficie das aguas, e desaparecendo por largos espaços. As trevas que desciam já densas, e a impetuosidade da corrente que o arrastava, não permittiram prever-se qual-seria a sua sorte. Eurico era a ultima e tenuissima esperança que bruxuleava nos horisontes do imperio godo: como uma estrella cadente que se-immmerge nos mares, aquelle esforço brilhante se-desvanecera nas aguas tenebrosas do Chrysus!

A. Herculano.

CARTA V.

Cyclus ou grandes divisões historicas. — Edade média e Renascimento. — Preferencias da edade média.

(Continuado de pag. 56.)

953. Bem que rapidamente, tenho procurado fazer conhecer, quaes sejam os fundamentos da these que estabeleci — de que a decadencia da nação portugueza, começando apparentemente nos últimos annos do reinado de D. João III, principia essencialmente nos primeiros do reinado antecedente, ou com mais rigorosa data nas cortes d'Evora de 1482. Para vermos como debaixo da grandeza e brilho exterior d'esses dois reinados ia já lavrando a dissolução social, seria necessario sair do cyclus a que me-pareceu deverem limitar-se estas cartas, isto é, do que propriamente se-póde chamar edade media portugueza.

Nas considerações que fiz n'esta rapida e necessaria digressão sobre o verdadeiro character do seculo decimo-sexto, está, mais que no respeito á chronologia, a razão para havermos de preferir o estudo da edade media ao do seculo das nossas glórias. No estudo da época, vulgarmente chamada do renasci-

mento, nome que talvez só por antiphrase ou cruel escarneo lhe-conviria, fôra preciso fechar os olhos ao brilho de apparentes grandezas, e allumiar com o facho da história o corpo enfermo da sociedade portugueza, que appressava a sua hora de morrer com a febre das conquistas. Seria necessario vê-lo desmaiar e definhar-se esmagado debaixo do peso da sua grandeza, e depois descer ao sepulchro carcomido pelo cancro da propria corrupção moral. Mais um motivo pessoal é esse para nos esquecermos d'elle. Para faltar de amarguras as eorações que amam a terra da Patria, não é necessaria a história; sobra-nos a vida presente.

Mas a razão capital da preferencia que devemos dar ao estudo da edade media, está no que ha pouco ponderei ácerca dos fins objectivos da história. — Nem descobrimentos, nem conquistas, nem commercios estabelecidos pelo privilegio da espada, nem o luxo, e magestade de um imperio immenso, nos-podem ensinar hoje a sabedoria social. — Os instinctos maravilhosos de uma nação, que tende a constituir-se; as luctas dos diversos elementos politicos; as causas e effectos do predominio e abatimento das differentes classes da sociedade; os vicios das instituições incompletas e incertas, que obrigaram não só nossos avós, mas toda a Europa, a deixar o progresso natural e logico da civilização moderna para se-lançar na imitação necessaria, mas bastarda, da civilização antiga; a existencia emfim intellectual, moral, e material da edade media é que póde dar proveitosas lições á sociedade presente, com a qual tem muitas e mui completas analogias.

Abstraiámos, com effeito, da enorme distancia de civilização que nos-separa d'esses tempos; abstraiámos da quasi constante antinomia entre a vida civil da edade media, e a vida civil actual, e consideremol-as ambas unicamente nas suas tendencias politicas. Dizei-me, não ha uma parecença notavel entre tão affastadas épocas? Imaginae um periodo da história do género humano, em que os diversos principios de govêrno se-combatessem sem cessar, buscando enfraquecer-se mutuamente, equilibrando-se por algum tempo, vencendo-se por fim uns aos outros, e achando brevemente na victoria a propria ruina. Imaginae um periodo em que as crengas politicas fossem convertidas em odios implacaveis, herdados muitas vezes de paes a filhos; em que as garantias sociaes estivessem muitas vezes nas leis e faltassem quasi sempre nos factos; em que cada uma das classes accusasse as outras de oppressoras, iniquas, violentas, quando subjugada, e fosse iniqua, oppressora, e violenta apenas obtivesse o poder; em que a espada do homem de guerra resolvesse frequentemente os problemas politicos, e em que ao mesmo tempo a superioridade intellectual do individuo tivesse communmente mais acção nas phases da sociedade que a auctoridade publica; em que se-junctassem no mesmo povo, na mesma classe, e até no mesmo homem, os extremos de nobres affectos e da corrupção e maldade mais torpes. Imaginae um periodo com estes characteres, e buscae-o depois na história. Onde é que o encontraes? Na edade media. Muda agora uma palavra; chamae ás classes partidos — e essa mudança será apenas de nome, porque os partidos representam os interesses

diversos das diversas classes sociais — eizei-me a que época vos parece quadram taes characteres? Indubitavelmente á nossa. Porque taes coincidencias em tempos tão distantes? Examinemol-o; que em semelhante exame acharemos mais um motivo para estudarmos com preferencia os quatro primeiros seculos da sociedade portugueza.

A. Herculano.

— (Continuar-se-ha.)

THEATRO.

Rua-dos-Condos.

A ARTE — OS ARTISTAS — A OPERA CÔMICA —

O SR. IBARRA — AS PROEZAS DE RICHELIEU

— A CALUMNIA — EUGENIA.

(Continuado de pag. 57.)

954 *Narraverunt ut absconderent laqueos, et dixerunt: Quis videbit eos!*

O risinho da phrase, o folgasão e gracioso do stylo desfarçam os laços perniciosos. — Pensaram que assim os occultariam. Enganaram-se.

As palavras de seda, como dizia aquella antiga rainha da Persia, encobrem mal a peçonha mortífera. Esse drama, ou comedia, ou o que quer que seja, perfumado por fóra e cangrenado por dentro, sua o vicio por todos os seus póros — repassa os vestidos enganosos — chega aos falsos recamos — ennegrece o oiropele, e em poucos momentos de grave e sizuda attenção, todo aquelle edificio tão polido, tão lúcido, tão brilhante, tão chistoso de si, tão elegante na forma, tão variado no aspecto, tão presenteiro, tão sociavel, tão seductor, tão bordado e enfeitado, e aberto a todos os prazeres dos sentidos — todo esse pintado e repintado edificio desaba no pó — não ficam d'elle senão fragmentos rudes e disformes — algumas cinzas sem calor: despida a purpura ao esqueleto — a vida da sensualidade troca-se em horrenda morte para a alma.

Essas composições, mais que todas perigosas, existem essencialmente pela leviandade dos espectadores. Alimenta-as o riso — a análise mata-as. Embora: que morram: não fazem falta.

O flagello do ridiculo é terrivel arma. A boa arte, a arte verdadeira, pudica nos gestos, casta nas fallas, compassiva, melindrosa, ingenua, delicada e affectuosa, como deve de ser quando ao espectador abre as portas de uma casa, e lhe descobre um quadro de familia — esta arte ao mesmo passo amena e severa nunca, senão aos vicios dirige os seus golpes. — Zombar das intimas dores do coração, expôr a virtude vergonhosa aos apupos das turbas ébrias de sensualidade, apontar, ás gargalhadas, para qualquer infernalissima invenção de eterna infamia, escarnecer de todos os respeitos mundanos —; isso não! Quem tal fez, mentiu á religião, mentiu á moral, mentiu a si —; mentiu a Deus e á sociedade, que é mentir a tudo!

O atticismo não exclue a decencia. Se por desgraça o vicio é vulgar, ao menos lhe não façam alardear egoismo. O que muitas vezes no particular seduz e arrasta, em publico offende e envergonha. O pudor rejeita em voz alta o mesmo que a fragilidade procura ás escondidas. O chiste, a graça, a ligeireza e a zombaria, farão portanto com vezes, mil vezes mais effeito instigando vicios do que ludibriando virtudes, e mofando d'ellas.

Não dirêmos mais. — Guarde um pae com a vigilancia da sua honra a innocencia da filha mais presada, eduque-a na sanctissima ignorancia das devassidões mundanas, zele annos e annos, cuidadoso e preoccupado, o recato de sua casa, desvele-se incessantemente por esta flôr virginal, creada no seio paterno, como rara planta na sua estufa, cerque-a de cuidados, alegre-se com ella e faça d'essa alegria a consolação da sua velhice. — Uma só noite de theatro normal dá em terra com toda a laboriosa obra do seu amor — com o fructo de tão longas fadigas cae a flôr tão zelosamente guardada. Duas ou tres horas bastam para desvendar a donzellinha tímida; perdeu-se a infavel vinginda-de d'aquella alma angelical; nada ignora, nada lhe é occulto. Entrou menina — sairá mulher.

Não fallâmos vagamente: o que n'este logar dizemos quem ha que o não tenha já visto?

Esposas, se quereis aprender a illudir vossos maridos; maridos, se quereis saber como se despreza e se abandona uma esposa digna; filhas, se desejâes conhecer o modo de enganar paes e mães; manebos, se tendes áncia de vos-amestrar nas artes da seducção e de penetrar os mysterios da devassidão e da sensualidade, ide, ide, ahí ao theatro normal. Tudo apprendereis, ficareis sabendo tudo. Poderâmos indicar-vos a pagina e a scena, se não temêramos de augmentar a fatal publicidade d'esses lupanares infames! O theatro normal vol-o ensinará, que as suas portas interiores estão abertas de par em par ao vicio florejante, e ás licções diabolicas, negramente consignadas n'esses dramas, n'essas comedias, n'essas filhas bastardas de uma arte adultera, *maelstrom* de todos os nobres sentimentos, sumidoiro horrendo, de toda a innocencia, de toda a moral e de toda a virtude.

E não só a moral, não só a virtude, a religião e a innocencia padecem; não só áquem da scena o vicio arrebicado produz os seus effeitos corrosivos, tambem por entre os bastidores, além do palco, lavra o contagio. Não só se-arruina a arte — tambem os artistas se-arruinam!

J'aime tout ce que je fais parce que je ne fais que ce que j'aime! — Dizia o grande Talma.

Este dicto será o fundamento da nossa demonstração.

J. S. Mendes Leal Junior.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

955 Elrei da raussia, diz-se, que em se-recolhendo da sua viagem pela Suissa, onde é muito festejado, publicará uma lei de liberdade de imprensa, não absoluta, mas assás franca. Aguardemos o tempo: as promessas liberaes d'aquelle throno tem a sina de poucas vezes se-realizarem.

A AUSTRIA vai assentar seu tractado commercial com a Inglaterra. Já os fundamentos d'elle, segundo corre, foram approvados pelo principe de Metternich.

O governo inglez toma rigorosas providencias contra os cartistas, ou, para melhor dizer, contra os levantados pela fome. Muitos tem sido presos por denúncias, segundo se-affirma, de *torres*, que perfidamente se-haviam com elles

associado: vão ser processados como réos de alta traição. As tarifas das alfândegas da *América do Norte* são a pedra de escândalo da imprensa britannica; e não é sem razão; taes contradicções á industria ingleza, depois das que ella vai curtiendo e amargando por tanta parte da Europa, não lhe auguram grandes felicidades.

O anniversario da rainha de Hispânia trouxe perdão geral aos réos politicos da facção carlista.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

956 *Diário do Governo de 20 de Outubro.* — Ordem do exército n.º 48.

Idem de 21. — Decreto nomeando uma junta para receber donativos com que se edifique um monumento a SUA MAJESTADE IMPERIAL O SENHOR DUQUE DE BRAGANÇA. — Officio á mesma junta, remettendo-lhe os desenhos que para o dicto monumento offereceira Fortunato Lodi. — Portaria regulando materias de justiça.

Idem de 22. — Decreto em que S. M. determina, que o theatro novo se-denomine — Theatro Nacional de DONA MARIA SEGUNDA.

Idem de 24. — Venda de bens nacionaes no districto do Porto.

Idem de 26. — Annuncia a Junta do Credito Publico, que a 9 de novembro principiará a pagar os juros das inscripções de 5 por cento.

OS PRINCIPES FRANCEZES.

957 O PRINCIPE DE JOINVILLE, e o Duque d'Aumale, chegados em quatro dias de Brest a Lisboa, onde entraram no dia 20, teem sido devidamente festejados pela nossa Corte, que lhes-offereceu por hospedagem os Reaes Paços de Belem. Apressam-se em ver todas as curiosidades da natureza e da arte, assim da cidade como dos arrabaldes; captivando por sua lhaneza a quantas pessoas com elles tratam.

D'aqui partirá o Principe de Joinville, para o Brazil, commandando a BELLE POULE, em que veio; — fragata para sempre celebre por haver sido a que trasladou do desterro para a Patria o cadaver proscripto do Proscripto Imperador dos francezes — o Duque d'Aumale ir-se-ha, não para Madrid, onde se-crêra que o amor o-chamava; mas para Argel, d'onde o-está chamando a gloria; porque o outono em que estamos vai ser assignalado, segundo se-diz, por uma rija campanha com os arabes do deserto.

MINA DE AZOUGUE.

958 Um engenheiro francez, que veio a Portugal com o exercito invasor, descobriu n'esse tempo em Coima uma mina de azougue, de facil fabrico e abundante colheita, de que os seus houveram não pequeno lucro. Restaurado o reino, não só se-desamparou, senão que se-tapou a mina — peccavamos então por excesso de *portuguezia*, como hoje peccamos por excesso de *francezia*; hoje não queremos o bom se é de nossa casa, então o-repelliamos senão era d'ella. — Outros francezes, que leram um opusculo inédito, que o dicto engenheiro, seu patricio, deixára escripto ácerca da mina de Coima em Portugal, com as confrontações e designação clara do sitio, abalaram-se de sua terra, cubicosos de vir negociar a achada. Afloraram, em corpo de sociedade com os Srs. Luiz de Castro Guimarães, Luccotte, Duarte Cardoso de Sá, e Conde de Farrobo, o terreno, que era baldio, e pertencia ao municipio.

Metteram-se as enxadas ao sólo, e para logo se-

deu com o thesoiro. O mercurio vem misturado com areia, mas em grande cópia. — Tem-se gasto na obra tres contos de réis; e quatro tem já produzido o mineral. — É esta uma noticia, que tem de agradar aos que sabem que o azougue é metal de valia por não ser dos em que mais abunda a natureza; e tanto que segundo os calculos o que por anno se-extrah de todo o globo anda por 68,000 quintaes de peso e oito mil e seiscentos contos pouco mais ou menos de valor.

A PONTE NOVA DO DOIRO.

959 Sabbado 15 se-inaugurou e estreou a ponte pensil, que atravessa o Doiro diante do Porto. Foi um bello spectaculo; concorreu toda a povoação da cidade e suas cercanias. O tempo, que estava aprazível, consentiu que as damas afformoseassem a scena girando em grande numero e vistosamente adornadas pelo novo caminho suspenso sobre a torrente arrebatada, e por uma e outra margem do rio. Por entre o estrondo de infinidade de girandolas o mestre da obra teve a satisfação de ouvir o seu nome, repetido em vivas que se-estendiam até muito longe por aquellas ribas alcantiladas.

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA.

960 Sabemos que a junta pelo governo incumbida de apparelhar um plano de instrucção publica, trabalha com grande efficacia em se-desempenhar de tão nobre e difficil encargo. Assim havia de ser. Esta junta, ou commissão externa, segundo lhe-chamam, é composta dos Srs. Faro e Noronha, lente da Universidade — Cordeiro Feio e J. M. Grande, lentes da Eschola Polytechnica — Par do Reino, Margiochi — Conego, Freire de Carvalho — e Tavares de Macedo.

Os fundamentos das duas instrucções estão quasi acabados de discutir. A seu tempo, quando o governo os adoptar, os examinaremos como requer a relevancia do assumpto. Por agora só nos-cabe dizer, que nos pontos capitaes nos-parece ir-se fazendo obra de muito acerto. O ler, escrever, contar, civilidade, religião, e alguma luz de historia ficarão accessiveis a todos em toda a parte do reino. Em cada provincia haverá as escholas de agricultura e industria, que mais accomodadas se-julgarem á natureza do sólo, e dos ares, á topographia, aos costumes e mais circumstancias attendiveis. Os professores para estas escholas virão, com o andar do tempo, a sair todos de um viveiro, ou eschola normal de Lisboa; — e tão acertadamente foram todas as partes combinadas que a despesa feita com o ensino não excederá á que hoje, em dia, se-está fazendo.

A PARÇA DEPOIS DA TRAGEDIA.

961 A casa, que servira de theatro á tenebrosa tragedia de *Mattos Lobo*, parecia condemnada a permanecer muitos annos sem moradores. O terror, que ella inspirava, era uma preocupação; mas poucas almas, até das mais despreoccupadas se-eximiam de o-sentir.

Comtudo as portas e janellas d'esta casa haviam-se emfim aberto novamente; — uma familia de marido e mulher quebrára o encantamento. — Em

uma das noites da semana passada haviam-se estes recolhido á sua camara, depois de bem fechadas, segundo o seu costume, todas as janellas e portas. A sua ultima conversação antes de adormecer versára, segundo tambem seu costume, sobre o espantoso acontecimento, que dera áquelles sitios uma tão horrenda celebridade. Os spectros das quatro victimas se-lhes vieram apresentar por entre os confusos nevoeiros do crepusculo do sono, prophetisando-lhes mudamente o que quer que fosse de sinistro; — entretanto adormeceram. Toda a casa jazia em trévas, e silencio. Batia uma hora em S. Paulo. Accorda a esposa sobresaltada ao repentino estrondo de uma queda, immediatamente seguido de gemidos abafados. Chama pelo marido; procura-o no leito; não o encontra; salta desatinadamente ao chão; dá com um corpo a revolver-se angustiadamente; mas que o instincto do amor lhe annuncia ser o mesmo que procura. Aperta-o entre seus braços convulsos, e o restitue de súbito á vida. Elle a-repelle com furia; ella, crendo-se entre as mãos de um assassino, foge; na escuridão um e outro se-encontram, se-evitam, se-repulsam, até que reconhecendo-se por algumas palavras, e accendendo luz, descobrem — que um pesadello, que á mesma hora os opprimira a ambos; representando a cadaum o assassinamento do outro, fôra a unica origem de todo o tumulto.

O QUE É UMA BOA ADMINISTRAÇÃO.

962 Entre tantas relações de crimes, consola-nos poder citar um exemplo formoso de honra e probidade administrativa.

Se nunca em nenhum século a *philantropia* andou tão pregoada como n'este nosso, nunca tambem foi ella mais *palavra* e menos *coisa*. Era d'antes rara por ser honesta senhora, recatada e de bom juizo; hoje anda a tombos, porque se-fez namorada e presumida. Era um milagre vê-la n'outro tempo; que lá pelo fundo dos hospícios, dos cremitérios e dos claustros se-andava ella mui recolhida e modesta; agora é já outra. Não ha imprensa de que se não debruce, nem balcão a que se não encoste; nem canto de rua ou de jornal aonde nos não appareça tão garrida e tufal, que é um louvar a Deus. *Philantropos* ha os innumeraveis... em theoria.

Na prática é outra coisa: são menos vulgares. E porque assim é, não deixaremos nós agora passar por alto um exemplo. De bens e males está semeado o mundo. Para compôr uma boa lição de moralidade, é forçoso matizar o bem com o mal, e por certo que não é este um dos somenos deveres do escriptor.

Sabida é geralmente a charidade praticada no hospital de S. José, e por todos tambem reconhecida a utilidade e vantagens que de tal ou taes estabelecimentos resultam para os enfermos e para a sciencia. O que, porém, nem todos saberão, é o zelo e diligencia que nos ultimos mezes tem desinvolvido a sua verdadeiramente *philantropica* administração, poderosa e valiosamente auxiliada pelo digno official maior da contadoria o sr. Antonio Candido Pereira da Cunha, que actualmente dirige a contadoria no impedimento do contador. Ha muito

que ninguem discordava ácerca da probidade e bondade d'este honradissimo e dignissimo empregado. Mas o que nem a todos tinha chegado, era a superior intelligencia que tem manifestado e vai manifestando na gerencia da sua repartição. É ella a vida e alma do estabelecimento — isto é — aviventa suas finanças. Para prova da sua boa administração bastará saber-se, que tendo padecido o hospital de S. José consideraveis atrasos, seguidos de todos os inconvenientes que estes males pecuniarios sempre e em toda a parte accarretam, ao presente, em pouco mais de tres mezes, não só se-conseguiu regular os pagamentos, pondo-os em dia, mas ainda se-logrou pagar quatro mezes por conta dos atrasados, achando-se por este modo os empregados todos satisfeitos e contentes, os crédores desassombrados, e o serviço no melhor pé. As rendas são as mesmas. Todos estes milagres são fructo de uma sábia economia, da conveniente arrecadação e distribuição, e do zelo e intelligencia no trabalho.

Muito mais poderamos dizer, e mais diremos ainda, quando de espaço tractarmos d'este utilissimo e christianissimo estabelecimento.

J. S. Mendes Leal Junior.

O THEATRO DO RÓCIO.

963 Um papel revoltoso, e altamente incendiario acaba de publicar-se. Este papel escripto pelo Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão, versa sobre a edificação do novo Theatro da praça de Camões: o seu fim é a condemnação do desenho de não sabemos qual architecto estrangeiro, encarregado de levantar aquelle monumento portuguez, consagrado ao drama portuguez, e destinado para honesto recreio dos que intendem e fallam esta nossa lingua portugueza.

Revoltoso, e incendiario, dissémos nós era esse papel — e dissémos bem: porque na evidencia com que ahí se demonstra o desprezo das conveniencias sociaes, a inepeia, e ignorancia que presidiram á feitura de similhante traça ha um convocar para a revolta; ha um accender de cholera immensa em todos os corações que respeitam as leis, o throno, a arte, o senso commum e as coisas patrias; porque tudo isso é escarnecido, apupado, e enxovalhado a troco da modica somma de septenta contos de réis que ha-de custar a execução d'aquelle maravilhoso monumento.

Se as premissas dos argumentos do Sr. Visconde são exactas — e para nós é impossivel acreditar que um homem respeitavel como S. Ex.^a é, andasse de leve em tão grave materia — o montão de pedras, traves, e argamassa, que vai pejar como um lobinho asqueroso a frente do formoso bairro, alevantado d'entre ruinas pelo genio do Marquez de Pombal, é uma affronta mais para esta pobre nação, a quem parece alludia, ha tres mil annos, o propheta quando fallava das donzellas de Babilonia, que, chamando quantos estrangeiros passavam, lhes-diziam: vinde polluir-nos e deshonrar-nos.

N'este negocio da edificação do theatro portuguez já de muito nós previamos qual seria o desfecho do drama. A coisa começára por um absurdo: devia acabar por outro.

Os architectos portuguezes tinham sido chamados

a concurso: cinco ou seis desenhos appareceram: acharam-se defeitos em todos: em alguns eram estes, segundo ouvimos, remediaveis. E quem sabe se existiam? A Commissão encarregada de os affirir e julgar pelas doutrinas de Vauban, d'Antoni e de Carnot ácerca da construcção de theatros, convidou seus auctores a emendarem-nos? Não! — Despresou-os todos! Pediria isto a justiça, a boa razão, a nacionalidade? Talvez! O Sr. Visconde promette dar-nos a chave d'esse mysterio. Que o faça. Miséria ou torpessa, que importa? Ha muito, que o formoso sol da nossa terra allumia nos soalheiros da praça publica mil façanhas de um e d'outro genero. Venha mais esse mendigo catar-se á réstea do meio-dia.

Depois appareceu quem construisse o theatro. Nasceu em outros climas. Cortezes somos nós. Dispensou-se para com elle a severidade gasta com os artistas portuguezes. Disse-se a Vauban, a Antoni, a Carnot: «tractae de bastiões, esplanadas e fossos; deixae a arte que é de Deus e do genio.» Fez-se-lhe mais: não se chamaram para julgar a sua obra os cultores da architectura, d'essa poesia do marmore, que só busca nas prescripções da sciencia o mesmo que a poesia verbal procura nas regras dos grammaticos — as condições da arte na sua incarnação terrena. N'isto não houve favor. Era o que se fizera, com tacto finissimo, para avaliar os desenhos portuguezes. Livre o genio atirou-se pelo mundo da idealidade. O theatro da Gloria saiu-lhe do cerebro perfeito, brilhante, original como o descreve o Sr. Visconde; magestoso como os barracões do Rocio de secular futuro. Teremos um theatro democratico onde a Rainha de Portugal deverá atravessar por meio das turbas, e ir par a par com os vendilhões d'alfélua e de figuras de gesso: um theatro romantico, onde nos poderemos asphyxiar por atacado: um theatro religioso como o reverendissimo Torquemada, porque morrerão ali assados, inquisitorialmente, actores, serventes, contraregra e ponto no primeiro incendio: um theatro á feição de abobora carneira creada d'alto, onde os que só virem de um olho não sentirão a falta do outro; e os surdos não amaldiçoarão o ventre, que os gerou, e os peitos que os amamentaram, porque os comicos poderão fallar turco, sem perigo de pateada. Teremos enfim um theatro Quasimodo: um Quasimodo de pedra e cal; e todos sabem que Quasimodo — é uma das mais profundas concepções do rei dos lyricos francezes.

Mas ser-nos-ha licito gracejar quando se tracta de semelhante materia? quando se tracta de uma edificação, que importa á civilisação, á arte, ao pudor nacional? — de uma edificação para a qual se destinam septenta contos de réis de que fica privado o nosso mendigo thesouro, e que estragados uma vez não haverá meio algum de resarcir? — É necessario que a imprensa periodica tracte grave e severamente este negocio: é necessario que falle alto ás auctoridades prepostas a tal objecto, á opinião publica, a tudo, e a todos. Não é esta, ainda que a muitos o pareça, uma questão d'interesse local: é questão de todo o paiz. Lisboa é a cabeça do reino, resume a intelligencia e a civilisação da nossa terra. Quando um estrangeiro chega á capital da monarchia, e pergunta onde é o theatro portuguez, com as faces tinctas de rubor e com os olhos no

chão, guiámo-lo ao pardieiro da taberna normal da rua-dos-condes: e elle mede por ali o nosso progresso litterario e artistico. Isto devia cessar até certo ponto com a construcção de um theatro decente. E poderá a nação consentir tranquillamente em despendar septenta contos de réis para continuar a ser affirida aos olhos de estranhos por um typo de opprobrio?

Esta geração tem assolado os monumentos da arte e da historia: duro será por tal causa o juizo a que a posteridade a-chamára para a-condemnar como selvagem e estúpida. Mas se a esse doloroso processo se ajunctar a grande sandice de pedra, o theatro Quasimodo: se alguém disser, que achámos essa obra prima de tupinambas preferivel aos desenhos dos architectos nacionaes, que idéa farão de nós os vindoiros? que sentença passará em julgado ácerca da nossa intellectualidade? — Que o pensem os outros, como nós o pensamos, sem ousarmos dizel-o, porque ha coisas que queimam os labios d'aquelles que tentam proferi-las.

Repetimol-o. — Será possivel que o povo, a imprensa, e o governo consintam isto? — Não queremos, nem podemos admittil-o. Eis porque a principio dissemos — que o papel do Sr. Visconde de Villarinho era revoltoso e incendiario.

A. Herculano.

UM MONUMENTO. . . . VEREMOS DE QUE!!!!!!

964 Lembrou enfim depois de oito annos consagrar a D. PEDRO um monumento na praça de seu nome — em frente do theatro, que pelo menos terá de portuguez o nome de sua AUGUSTA FILHA. Para superintender na obra foi deputada uma juncta composta dos Srs. Marquez do Kayal, Conde de Farrobo, Viseconde do Porto Covo de Bandeira, José da Silva Carvalho, Polycarpo José Machado, o Governador Civil de Lisboa, José Bento de Araujo, e presidida pelo Sr. Duque de Palmella. A esta juncta pertence promover donativos para os gastos da edificação, e propôr á approvação do governo o desenho, que pretender executar, e a eleição do sitio, se algum outro lhe parecer mais accommodado; Mas, quem accreditaria que até em coisa de tão estreme gloria se nos-haveria de introduzir vergonha, e mais que vergonha, escandalo e abominação! — Engana-se ao Governo; abusa-se impudentemente de sua boa fé; inculca-se-lhe como architecto portuguez um architecto estrangeiro; e um risco do Sr. Lodi, italiano, baixa por consequencia recommendado do throno da Rainha á meza da juncta, para, segundo elle, se parecer bem, se-lavrar o marmore, em que as gerações, descobrindo a fronte ao passar, adorarão o nome do Libertador. — Protestamos em como o throno e os seus Ministros foram necessariamente innocentes d'este réo pensamento, o mais desnacional e antinacional de quantos tem abortado em nosso tempo; nem a FILHA DE D. PEDRO, nem os Ministros da FILHA DE D. PEDRO, e ainda ha pouco soldados seus, podiam querer que a tão portuguezas Cinzas, e tão heroicas, se-fizesse o mais covarde, o mais cruel, o mais inutil desacato. — A affronta ao homem vivo póde ser vingada ou perdoada, ; mas a bofetada no cadaver, que já não póde senão estremecer sobre

suas tantas corôas, e suspirar um suspiro só ouvido de poucas almas. . . . profanação! ; profanação! ; demencia, e sacrilegio! — Resôe a nossa voz sob as abobadas dos Paços Reaes, ainda saudosos do REI SOLDADO, do REI LEGISLADOR, do REI HOMEM, do que pôz seu descanso e vida pela vida, pelo descanso, pela gloria de quanto era, ou se-chamava, portuguez; eechôe por lá o nosso grito de subdito e portuguez leal: « foi lançada uma atroz mentira nos ouvidos da Magestade, para que dos seus lábios filiaes e piedosos saísse uma palavra, a que os inimigos podessem chamar ingrata e nesceia. » Este risco de mãos forasteiras, temos, e devemos ter fé, em que o mesmo Governo, agora sabedor da traição, o-mandarà restituir de repente ao seu auctor, louvando-lhe, agradecendo-lhe a boa vontade, o zelo, e a devoção, que o-abalançaram até ao temerario, ao defeso, ao impossivel.

O monumento de D. PEDRO é nosso, só nosso, e todo nosso — é para nós, só para nós, e todo para nós. — Só architectos portuguezes o-hão-de riscar, — só braços portuguezes e em pedreiras portuguezas hão-de arrancar o marmore; lavral-o e pulil-o com os ferros das nossas minas; trazel-o em carros creados nos nossos montes, — mãos portuguezas o-hão-de assentar, depois que a mão da RAINHA de Portugal lhe-lançar no alicerce o primeiro canto — e a voz que dirigir a obra ha-de se-exprimir nos sons varonis, que fallava Camões, e não nas melliduas toadas de *il pastor Fido*, ou de *il congresso de Cithera*. Qual seria o filho d'esta boa terra, que hoje, depois de passada ha treze seculos a dominação romana, consentisse em que um romano viesse levantar um monumento, aqui, no meio da nossa capital? Qual será a bolsa que requerida para concorrer para ahi com o seu dinheiro se não feche com generosa indignação? O monumento de D. PEDRO — responderão todos — lá está completo e indestructivel na historia: esse sim que o-riscou elle, e ajudámos nós a edifi-cal-o, — se quereis assentar-lhe ao pé outro de vergonha sua e nossa, fazei-o; mas não nos-convideis para vossos cumplices, porque em os francezes, os inglezes, os allemães, os barbaros, e até os italianos, passando por ahi a rir da nossa emprestada architectura, queremos nós protestar contra o escarneo, e dizer-lhes cuja foi a traição e a covardia.

Chamai os architectos portuguezes vereis como esquecem a offensa, ainda tão recente; como se-apressam para este concurso glorioso; e como consagrando um padrão ao seu Principe, consagram ao mesmo tempo outro á gloria de si mesmos, e ás bellas-artes nacionaes. — Não terão elles mãos e alma só porque são portuguezes? — Ainda que assim fosse, mais valêra uma só pedra de cabeceira posta a D. PEDRO, como a soldado raso, por um filho d'este povo a quem elle redemiu, do que o tumulo de Trajano, a columna de Vendome, ou a pyramide grande de Memphis feita e colocada por um estranho! ; Não deram já ahi al signor Lodi a feitura do theatro novo, monumento da nossa Rainha? — da nossa Rainha . . . sim, que não da sua? Arremataria elle a edificação de todos os nossos monumentos? — Não o-conhecemos; não o-guerreamos: e para que? . . . Seja academico de merito; edifique pontes suspensas, e estufas — e não sabemos que mais prodigios

tão pregoados e blasonados em algum jornal portuguez!

Deem-lhe quanto se-achar justo ou approuver — direcção de obras, magisterios, rendas, condecorações, titulos, tudo; levantem-lhe até estatuas e agulhas — mas — ; em nome de Deus! — que não ponha mão no monumento de D. PEDRO, nem em representação alguma da nossa gloria. Que o-desmagine d'essa tentação diabolica se a-tiver; — se a-procurar levar a effeito, que o-repulem. Que o-repulem como os seus patricios repulsariam ao proprio architecto da Batalha se-ressuscitasse, e fosse offerecer-se em Roma a edificar outra igual maravilha em honra de um principe italiano, que houvesse liber-lado a sua patria!!!!

Um pintor allemão, andando-se a tirar cópia do Coliseu, sentiu-se accommettido da mais vil de todas as necessidades naturaes. Largou á pressa em terra pasta e palheta, chapéu e bengala, e poz-se a profanar o mesmo venerandissimo edificio, de cujo assombro andava cheio. Uma enorme pedra, como que indignada da profanação, solta-se do alto, d'onde contemplára impassivel opprobrios de dois mil annos, e descendo como um corisco, esmaga — ; ao artista sacrilego? — não! — a pasta e palheta, que juncto d'elle jaziam.

BIBLIOGRAPHIA.

FRANCEZA.

965 Etudes sur les idées et sur leur union au sein du catholicisme; par L. V. D. F.

Galerie des Contemporains illustres par un homme de rien. 120 cadernos com retratos.

Atlas Historique et chronologique des littératures anciennes et modernes, des sciences et des arts. D'après la méthode et sur le plan de l'Atlas de A. Lesage (comte de Las Cases), et propre à former le complément de cet ouvrage par Jarri de Nancy.

Bibliothèque asiatique et africaine, ou catalogue des ouvrages relatifs à l'Asie et à l'Afrique qui ont paru depuis la découverte de l'imprimerie jusqu'en 1700; par H. Tennyson Compans.

Panthéon Littéraire. Les vieux conteurs français, par P. L. Jacob Bibliophile.

Reponse aux partisans de l'abolition de la peine de mort, suivie de réflexions sur l'abus anti-social que l'on fait des circonstances atténuantes en matières criminelles; par J. B. Hubert.

O 16 volume da collecção dos classicos Latinos, com a traducção franceza; por Nisard. Contém Petronio, Apuleo, Aulu-Gelio.

Théâtre de M. Eugène Scribe (estão já impressos vinte e quatro vol.)

Histoire Maritime de France depuis les temps anciens jusqu'à nos jours, par Léon Guérin.

Le Prince royal, par Jules Janin. — É a historia completa do fallecido Duque d'Orleans.

Un million de faits aide-mémoire universel des sciences, des arts et des lettres, par M. M. J. Aicard, Desportes, Paul, Gervais, Léon Lalanne, Ludovic Lalanne, Auguste Le Pileur, Charles Verge, et Young.

Esta obra, unica no seu genero, contém a materia de 16 grossos volumes em 8.º e será uma verdadeira bibliotheca portatil.

Panthéon Littéraire.

Bibliothèque d'élite.

Bibliothèque des connaissances utiles.

Les petites misères de la vie humaine, par Old Nick et Grandville.

Trois ans de promenade en Europe et en Asie, par Stanislas Bellanger.

L'Artiste, Journal de la littérature et des beaux-arts.

Examen de la Phrénologie, par M. Fleurent.